LOGOS

Corpos abjetos: a repercussão do ensaio da paratleta Camille Rodrigues na Playboy[1]

Abject bodies: the recerpussion of Camille Rodrigues' photoshoot on Playboy magazine.

TATIANE HILGEMBERG

Instituição/Afiliação
Universidade Federal de Roraima

País Brasil

Professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima.

RESUMO

As pessoas com deficiência, geralmente, são desencorajadas a expressar sua sexualidade, e muitas mulheres amputadas decidem usar roupas que, de alguma forma, camuflam suas deficiências, reforçando a ideia de que um membro amputado é perturbador e nada atraente. Por não se enquadrar nos padrões normativos da sociedade, entendemos que os corpos deficientes também fazem parte do rol de corporeidades abjetas. Em 2016 a revista Playboy publicou o ensaio (não nu) feito pela atleta paralímpica Camille Rodrigues, a repercussão foi imediata. Assim, nesse artigo temos como objetivo analisar como a atleta foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy, levando em conta as relações entre abjeção e deficiência.

Palavras-chave: Corpo; Abjeção; Deficiência

ABSTRACT

People with disabilities, usually, are not encouraje to express their sexuality, and some women with physical disabilities decided to wear clothes that, in some way, disclose their disabilities, reinforcing the idea that the disability is disturbing and not attractive. We understand that disabled bodies are also a part of the abject coporalities, since They do not fit into the social normative standards. In 2016, Playboy magazine published a photoshoot (not nude) of the paralympic athlete Camille Rodrigues, the repercussion was immediate. In this sense, we aim to analyse how the athlete was portrayed by the News published about the Playboy photoshoot, taking into account the relation between abjection and disability.

Keywords: Body; Abjection; Disability.Carlos Spera.

INTRODUÇÃO

Conforme sugere Hall (1997) geralmente as pessoas que são significativamente diferentes da maioria são expostas de forma binária – heróis e vilões; bom e mau; civilizados e primitivos; feio e atraente –, rejeitado porque é diferente e atraente porque é estranho e exótico; isso ao mesmo tempo num processo de fetichismo. Essa aparente ambiguidade se dá, segundo Hall (1997), pois o processo de representação ocorre de forma consciente ou evidente e inconsciente ou suprimida. Assim,

> O importante é que os estereótipos se referem tanto ao que é imaginado em fantasias quanto ao que é percebido como 'real'. E, o que é produzido visualmente, pelas práticas da representação, é apenas parte da história. A outra parte – o sentido mais profundo – reside no que *não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito mas não pode ser revelado* (HALL, 1997, p. 263, tradução livre da autora, destaque no original).

Assim, o estereótipo é utilizado, muitas vezes, como facilitador do cotidiano, contudo seus impactos, geralmente negativos, podem levar a generalizações sobre o indivíduo ou grupo, gerando julgamentos enviesados. As pessoas com deficiência enquadradas fora das rígidas regras corporais são consideradas abjetas, excluídas como sujeitos no corpo social, estabelecendo as fronteiras entre o "eu" e o "outro", este último estranho.

A sociedade acredita que tanto homens quanto mulheres com deficiência são assexuados (SHAKESPEARE et al., 1996) e infantis, principalmente aqueles com deficiência intelectual, e no geral difunde-se que a vida sexual da pessoa com deficiência deve ser controlada, sua sexualidade negada, patologizada. Essa caracterização contribui para a representação das mulheres com deficiência como incapazes "(...) de provocarem e experimentarem desejo ou mesmo de encontrarem formas de resolver os problemas relativos à sexualidade de acordo com a nova condição corporal" (MELLO, 2014, p. 130-131).

Quando um cadeirante, por exemplo, apresenta uma vida sexual ativa, a curiosidade aflora; quando um grupo de pessoas que se sente atraído por amputados (conhecidos como *devotees*) se agrupam online é necessário que seu desejo seja justificado, uma vez que essa atração é colocada como patologia a ser tratada (KAFER, 2000). O membro amputado à mostra é, ao mesmo tempo, atraente e perturbador.

As mulheres com deficiência sofrem, no mínimo, dupla opressão, por um lado pela sociedade patriarcal e por outro pela corponormatividade, um conjunto de normas e regras construídas socialmente que definem quais são os corpos adequados. As pessoas com deficiência, geralmente, são desencorajadas a expressar sua sexualidade, e muitas mulheres amputadas decidem usar roupas que, de alguma forma, camuflam suas deficiências, reforçando a ideia de que um membro amputado é perturbador e nada atraente, e muitas vezes cedendo às opressões sofridas, uma vez

que "a lógica patriarcal e as regras sociais que enfatizam a normalidade do corpo contribuem para que as mulheres deficientes sejam responsabilizadas pela segregação sofrida" (MATOS, 2015, p. 16).

Assim, percebemos, que a questão da deficiência também está inserida nos estudos da corporalidade como um processo sociocultural. Mais recentemente os Estudos Críticos da Deficiência começaram a utilizar a perspectiva intersecional – que emergiu dos estudos de feministas negras nos Estados Unidos que pretendiam entender como as estruturas de raça e gênero se cruzam – que se tornou popular nos últimos anos, principalmente em pesquisas que abordam grupos marginalizados. Dessa forma as ideias de Butler (2010, 2019) sobre abjeção têm sido cada vez mais presentes em estudos sobre a deficiência. Apesar de a autora não refletir especificamente sobre deficiência, os corpos abjetos podem ser pensados para além das questões de sexo/gênero. Nas próprias palavras de Butler, "(...) o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'" (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161). Entendemos, portanto que os corpos deficientes também fazem parte do rol de corporeidades abjetas.

Em 2016 a revista Playboy publicou o ensaio (não nu) feito pela atleta paralímpica Camille Rodrigues, a repercussão foi imediata. Assim, levando em consideração nossas considerações iniciais, nesse artigo temos como objetivo analisar como a atleta foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy, levando em conta as relações entre abjeção e deficiência.

AS NORMATIVIDADES

O corpo é, indubitavelmente, espaço de hierarquia e poder. Sua docilidade e disciplinarização foram necessárias para que a produção capitalista alcançasse êxito. Foucault (1988) define biopoder como a força que constitui a materialidade do sujeito humano, ela forma, assegura e normaliza o ser através de processos de "sujeição" (estatística, demografia, eugenia, medicalização, esterilização). Mas biopoder não é apenas uma força política, ele determina a forma com que os seres experenciam a materialidade de seus corpos. O corpo, de acordo com Foucault é construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares. A materialidade do corpo é indeterminada, seus limites negociáveis, ou seja, mais do que limites ele incorpora um conjunto de possiblidades.

Garland-Thomson (2004) argumenta que o discurso dominante se refere ao corpo branco, masculino e sem deficiências, e completa afirmando que esse tipo de discurso funciona como

disciplinador das diferenças corporais.

Sinônimo do modelo corporal marcado pelo culto à boa forma física, onipresente nos meios de comunicação, é o corpo canônico (FONTES, 2006) que emerge a partir do momento que o indivíduo aceita um conjunto de práticas que visa a sua reestruturação/reconstrução corporal, mas que tem suas origens no corpo medicalizado e higienizado do início do século XX. No discurso médico e científico o corpo canônico deve ser saudável, no discurso midiático esse corpo deve ser belo, no entanto ambos têm o mesmo objetivo, retirar o corpo do domínio da natureza, e potencializá-lo através de técnicas e procedimentos. O corpo que não adere a esse projeto é considerado um corpo dissonante – velho, gordo, com deficiências, entre outros – sobre o qual há um silenciamento discursivo (FONTES, 2006).

Assim, a "(...) deficiência é a materialidade da abjeção em sua mais radical acepção: os "corpos extraordinários" perturbam nosso olhar porque parecem representar, positiva ou negativamente, uma das mais totalizantes experiências de transgressão corporal" (MELLO, 2014, p. 85). E os meios de comunicação são locais onde esses corpos são representados, muitas vezes, através do tensionamento das relações de poder. Alguns autores (HALLER, 2000; THOMAS; SMITH, 2003) veem as representações midiáticas não apenas como disseminações de informações, mas sim como um enquadramento e um reforço de uma visão específica. Dado fazermos parte de uma cultura avidamente consumidora de mídia, as notícias veiculadas, os filmes e séries televisivas, o cinema e até mesmo a publicidade, têm um impacto significativo nas atitudes e percepções do público perante os outros.

O discurso midiático propõe definições do que é certo, do que é belo, do que é bom. Braga (2009), por exemplo, ao analisar capas de revistas femininas percebeu que em 98% do material esse corpo era branco e em todos os casos a magreza era exposta, nenhum corpo diferente do discurso vigente. O corpo com deficiência, quando não ausente, é, geralmente, representado de forma estereotipada.

Os meios de comunicação retratam as pessoas com deficiência ou como vilões cujo mal é simbolizado por uma deficiência, geralmente física, que é colocada em primeiro plano, ou, como "coitadinhos" aflitos ou "super-heróis" que se atreveram a realizar tarefas diárias em teletons23 que buscam arrecadar fundos para caridade (NELSON, 1994). Em diversos filmes podemos perceber o uso da deficiência, em especial aquelas mais visíveis, para a personificação do mal, como por exemplo, a deformidade do vilão "Duas Caras" em "Batman"; ou no filme "GoldenEye" (1995, "007 contra Goldeneye"), em que há uma nítida relação entre maldade, traição e a condição de fisicamente desfigurado do personagem. As deformidades do corpo simbolizam a deformidade da alma, e as deficiências físicas são vistas com emblemas do mal.

De acordo com Kafer (2000) a presença de imagens de pessoas com amputações visíveis

na mídia e na esfera pública poderia encorajar os amputados a não mais esconder seus corpos, e completa afirmando que a propagação de imagens que representem pessoas com deficiência de forma sexy pode ser benéfica para essa comunidade.

Contudo, o corpo abjeto constitui-se como uma ameaça à identidade e à ordem. Como afirma Hall (1997) a identidade é construída através da diferença, e a produção de estereótipos serve para a manutenção da ordem social e da ordem simbólica da sociedade. E assim há a naturalização do poder que subjuga o diferente, ou o "outro", à autoridade representada pelo sexo, cor da pele, gênero, etnia e classe social, ou seja, o poder é representado pelo homem, branco, de classe social mais elevada e sem deficiência. A pessoa com deficiência é a encarnação do desequilíbrio, insegurança, assimetria causando desordem na ordem vigente. Qualquer desequilíbrio ou distúrbio dos estereótipos assemelham-se a um ataque contra a base do universo, do nosso universo particular, onde nossos hábitos, capacidades, gostos, esperanças estão completamente ordenados e ajustados (LIPPMANN, 1922). No esporte, por exemplo, as relações de poder sempre estiveram presentes, o que ocasionou uma estrutura de desigualdade. Mesmo em meio a uma sociedade patriarcal a mulher conseguiu no decorrer dos anos construir seus espaços, a primeira participação de mulheres (há controvérsias em relação à quantidade de competidoras) em Olimpíadas se deu em 1900 em Paris, nos esportes de exibição, golfe e tênis. As provas femininas foram sendo incluídas, pouco a pouco, no programa Olímpico.

Percebemos que o esporte foi criado por e para pessoas sem deficiência, dando prioridade para alguns tipos de movimentos humanos, e com um certo número de padrões através dos quais os atletas são avaliados. Esses padrões são designados, segundo Brittain (2004), para destacar e reverenciar o extremo da perfeição corporal através da associação com o fitness, saúde, dinamismo, juventude e apelo sexual, o que está fortemente em contraste com a imagem do esporte para pessoas com deficiência, vistas com "doentes", "aleijados", "deficientes", "mutilados" (SCHANTZ; GILBERT, 2001). Além disso, Brittain (2004) afirma que o esporte adaptado aparentemente não oferece imagens que se enquadram nas normas que delineiam as imagens esportivas em nossa sociedade.

A sociedade do consumo tem o objetivo comum de rejeitar o corpo velho, fraco, doente, incapaz ou deficiente. Segundo Hargreaves (1985) quando idosos e pessoas com deficiência eram representadas pela rede de televisão britânica BBC, na cobertura da Maratona de Londres, havia um tom paternalista ao se retratar os idosos. Aos cadeirantes era destinado um tratamento *voyeur*, o que mostra que ambos são corpos indesejados, ameaças ao modelo ideal e desvios da norma. Apesar de não serem considerados ameaças ou desvios, os corpos de mulheres em esportes considerados masculinos – como futebol e levantamento de peso, por exemplo – e de negros são também negligenciados pela mídia, o que nos leva a concluir que o corpo esportivo

ideal para além das características acima citadas é também masculino e branco.

Schantz e Gilbert (2001) sugerem que as atletas com deficiência estão e são sujeitas a uma tripla discriminação, uma vez que, em geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja, à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como uma visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

Os estereótipos que continuam a ser associados às mulheres com deficiência na mídia relacionam sua imagem a uma pessoa infantilizada pela sociedade, inapta sexualmente, considerada nula. É negado às mulheres com deficiência até mesmo a capacidade de realizar as atividades que historicamente são relegadas ao gênero feminino: como o de dona de casa e mãe.

Schell e Rodriguez (2001) afirmam que as mulheres com deficiência estão sob um duplo silêncio, tratadas como seres assexuais e oprimidas. Essa discrepância entre, de um lado a erotização/sexualização das atletas sem deficiência, e por outro a deserotização/sexualização das atletas sem deficiência pode ser pelo fato de que as mulheres com deficiência não se enquadram no sistema sexo-gênero.

MÉTODO E *CORPUS* DE ANÁLISE

A nadadora paralímpica Camille Rodrigues vem publicando em suas redes sociais imagens que antagonizam com as ideias apresentadas anteriormente de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil, e já se destaca no cenário nacional por ter feito parte de videoclipes de músicos como Lucas Lucco, se apresentado no Prêmio Multishow de 2017 com a cantora Anitta e participado da abertura do programa Fantástico, da Rede Globo.

Em 2016 Camille foi convidada pela Playboy a posar para a revista. O ensaio, que não incluía nudez (a Playboy parou de publicar ensaios com nudez em março de 2016), repercutiu nos meios de comunicação. Apesar de já ter realizado edições com outras atletas anteriormente (incluindo fotos nuas) essa foi a primeira vez que uma atleta com deficiência seria representada fotograficamente na Playboy, caracterizada como uma revista para o público masculino.

Levando em consideração que mulheres com deficiência são consideradas assexuadas e que a paratleta teria sua imagem publicada em uma revista voltada para o público masculino, nosso objetivo central foi analisar de que forma a mídia repercutiu o fato. Para isso buscamos através da ferramenta Google News pelas palavras chaves Camille+Playboy; Camille+Rodrigues+Playboy;

Paratleta+Playboy.

Nossa intenção não foi a de esgotar todas os resultados, mas a partir da análise das publicações encontradas traçar um panorama de como a atleta foi representada e usar nossos dados para discutir a presença do corpo deficiente/abjeto em uma publicação voltada para o público masculino, e, portanto, que erotiza o corpo da mulher.

Nosso corpus contou com 13 notícias publicadas nos mais diversos sites e portais. Foram excluídas notícias repetidas e resultados que direcionavam para páginas não encontradas. Utilizando a análise de conteúdo e o método elaborado por Figueiredo (2017) analisamos de forma quantitativa a terminologia empregada para referir-se à atleta, e de forma qualitativa as expressões e palavras que caracterizavam Camille Rodrigues.

DISCUSSÃO

As mulheres atletas subvertem as ordens sociais ligadas ao gênero, uma vez que sua presença nessa arena foi historicamente negada, e à sexualidade porque as características femininas, presentes ou ausentes, desvirtuam a hegemonia masculina. As mulheres atletas com deficiência ferem ainda a ordem social capacitista, ao apresentarem um corpo funcional e apto para o esporte desafiando a ideia de que seus corpos são inferiores, incompletos e passivos. O esporte mudou ao longo do tempo; uma mudança lenta e gradual, e como parte dessas mudanças vemos o campo esportivo tanto como lugar de conformidade com valores sociais dominantes, reproduzindo desigualdades, quanto local de resistência e mudanças desses mesmos valores (DEPAUW, 1997).

Como é no corpo que está inscrita a diferença muitos pesquisadores acreditam que a materialidade oprime as pessoas com deficiência. Dessa forma, sendo o corpo de fundamental importância para a prática esportiva, concordamos com Howe (2012) que afirma ser esse um dos motivos pelo qual o esporte é um campo pouco explorado por aqueles que se dedicam à pesquisa das questões que envolvem a deficiência.

Alguns estudos como o de Schell e Duncan (1999) mostram que as atletas paralímpicas não recebem comentários ou "marcadores" sexistas com às olímpicas, no entanto, os autores ressaltaram que a ausência de comentários tipicamente sexistas sobre a aparência, beleza facial ou corporal e sensualidade das mulheres deve-se ao fato de que as pessoas com deficiência são geralmente percebidas como esteticamente desagradáveis e assexuadas.

Como a mídia representaria uma atleta com deficiência que fizesse um ensaio para uma

revista masculina? Seria essa uma oportunidade para que o corpo abjeto tensionasse a norma, questionando-a?

Levando em conta que "a abordagem e a terminologia utilizada pelos meios de comunicação de massa (...) refletem na interpretação da sociedade sobre os principais temas de interesse coletivo" (AMARAL, 1994, p. 07), e que ao mesmo tempo em que a linguagem adequada auxilia na mudança de estigmas, as referências negativas podem servir para perpetuar mitos e estereótipos negativos, nosso primeiro tópico de análise será as terminologias empregadas pelos sites analisados ao se referirem à atleta.

O que percebemos nas 13 notícias, pertencentes ao nosso corpus, sobre o fato de a paratleta Camille Rodrigues ter posado para a edição de setembro de 2016 da Playboy é que a maior parte dos termos usados referem-se ao nome da esportista e a marcadores esportivos.

Tynedal e Wolbring (2013) analisaram o jornal americano New York Times de 1955 a 2012 buscando informações sobre os Jogos Paralímpicos e concluíram que poucos paratletas foram mencionados através do nome. Em nossa pesquisa, no entanto, o nome da atleta é o termo mais encontrado (FIGUEIREDO, 2017), o que era de se esperar visto ser o nome o identificador do sujeito, a afirmação da individualidade. Segundo Moraes (2000, p. 49) o nome é "(...) um dos direitos mais essenciais da personalidade". A psicanálise estabelece que o nome humaniza o sujeito, suportando a identidade social bem como a identidade subjetiva (MARIANI, 2014). Por isso era de se esperar a forte presença do nome, o que conta também para uma visão mais positiva de nossa análise, uma vez que o primeiro atributo relacionado à atleta é seu nome, ou seja, seu identificador como pessoa, humanizando o corpo abjeto, mesmo quando esse é apresentado no tensionamento da norma.

Em 21% dos casos registrados os termos relacionavam-se ao âmbito esportivo, ou seja, Camille era identificada como atleta, competidora, nadadora, ou era a ela associados os substantivos esportivos (campeã, medalhista) sem a especificação da deficiência ou sequer menção de tal. Apenas em alguns casos (13%) esses substantivos vinham acrescidos dos designadores da deficiência, como por exemplo, paratleta e paralímpica, sugerindo proximidade com a cobertura dos esportes "convencionais". A origem da atleta também foi uma categoria em destaque. Referida como brasileira a atleta é vinculada ao país de origem, mostrando nacionalismo. Estudos sobre o discurso midiático sobre os Jogos Paralímpicos (SCHANTZ; GILBERT, 2001; THOMAS; SMITH, 2003; HARDIN; HARDIN, 2008) mostraram que os jornais enfatizam o nacionalismo, esse discurso associa a atleta com deficiência à identidade nacional de forma similar à atleta sem deficiência. Em outros casos, como por exemplo em websites de informação local ou regional, Camille é referida como fluminense, ou de Pádua. Apesar de existir uma imensidão de critérios de noticiabilidade, e de haver discussões acadêmicas acerca da falta de rigidez e universalidade (ver

SOUSA, 2002), é certo que a proximidade é um elemento fundamental na escolha do que será publicado nas páginas dos jornais. Apesar dessa estratégia de comunicar conteúdos próximos aos leitores do veículo ser utilizada não só pela imprensa local, mas também pela regional e nacional, seu uso é mais frequente no primeiro, pois há necessidade mais preeminente de vincular o leitor ao jornal.

O que percebemos pela análise terminológica é que há uma tendência normatizadora, uma vez que para além da humanização com o uso do nome próprio, o foco está mais no fato de que Camille é atleta, e em menor grau em sua deficiência.

Conforme mencionamos anteriormente, ao desviar da norma as mulheres com deficiência podem ser vistas como assexuais, infantis, longe de alcançar os ideais de feminilidade e características consideradas atraentes. As mulheres com deficiências físicas, especificamente, são definidas por seus atributos corporais ausentes ou "disfuncionais", o que caracteriza a visão do modelo médico, que lida com a deficiência enquanto doença.

O modelo médico trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES *et al*, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade de um indivíduo e que resulta na perda ou limitação de uma função (THOMAS; SMITH, 2009). O enfoque deste modelo, portanto, recai sobre a patologia, sendo baseado no diagnóstico e em soluções médicas. O modelo médico vê-se como sendo a voz que dá legitimidade a todas as matérias associadas à funcionalidade do corpo (HUGHES, 2000).

Apesar de as terminologias consideradas inadequadas, como àquelas relacionadas ao modelo médico e as infantilizadoras (moça, jovem, menina), aparecerem em menor grau, a deficiência da atleta Camille Rodrigues é (re)apresentada nas notícias analisadas, expressões como: "que teve a perna direita amputada", "devido a um problema congênito de má-formação teve que amputar", estiveram presentes no *corpus*, o que reforça a importância da descrição da deficiência para a audiência.

Um estudo realizado por Taub, Fanflik e McLorg (2003) que analisa a resposta de mulheres universitárias com deficiência física a normas corporais, mostra que para elas o ideal corporal feminino é representado por um corpo jovem, "em forma", esguio, sem deficiência e branco, e assim o uso de equipamentos ou acessórios que marcam a deficiência, como cadeiras de rodas, próteses, bengalas, que estão incluídos no modelo médico, dificultam ainda mais o desenvolvimento de uma imagem corporal positiva por parte da pessoa com deficiência. Algumas dessas mulheres consideram seus corpos diferentes e por isso não gostam da representação do corpo feminino ideal em revistas e na televisão, uma vez que uma identificação com o corpo canônico se torna ainda mais difícil.

Ainda nessa pesquisa, Taub, Fanflik e McLorg (2003) concluíram que, visto que a deficiência nessas mulheres está aparente e visível, elas se utilizam de algumas técnicas denominadas de "gerenciamento de estigma", que consistem em disfarçar a deficiência, evitando assim reações negativas. As estratégias mais comuns de "gerenciamento de estigma" são a dissimulação da deficiência, através da auto-segregação e da camuflagem da deficiência quando possível, como exemplo, passar a maior parte do tempo sentada, esconder a cadeira de rodas em um evento social, o uso de roupas que disfarçam a deficiência; desvio da atenção para atributos menos desacreditados, como por exemplo usar roupas nas quais se sintam bem, na moda, ou maquiagem que realce características consideradas positivas; e normalizar a deficiência, numa tentativa de redefinir o estigma e reeducar as pessoas sem deficiência, por exemplo, ao questionar as normas sociais, ou ao confrontar de forma direta o estigma.

As próteses coloridas e desenhadas de Camille, bem como a presença de seu corpo na revista Playboy, têm potencial para redefinir e questionar normas sociais. Ao mesmo tempo em que sua prótese tem protagonismo, a atleta desvia a atenção para atributos menos desacreditados, como sua sensualidade e personalidade, como afirma nas entrevistas publicadas pelas matérias analisadas: "me acho sensual" (ROCHA, 2016), "Dona de uma autoestima bem elevada, ela nunca tentou ou quis esconder a perna mecânica", "Adoro usar short e roupa curta" (ATLETA PARALÍMPICA, 2016); "muito vaidosa" (BERRIEL, 2016).

Em seu artigo "(Re)fusing the Amputated Body: An interactionist bridge for feminism and disability", Schriempf (2001) discute a matéria e ensaio "Meet Ellen Stohl"[2] publicada na Playboy americana em 1987, a primeira vez que uma mulher com deficiência foi fotografada pela revista. Ao receberem uma carta da própria Ellen Stohl em que solicitava posar para a Playboy e afirmava que a cadeira de rodas não fazia qualquer diferença, os editores, após muito debate, decidirem publicar o ensaio juntamente com uma matéria de sete páginas, transformando Stolhl em porta-voz sobre a sexualidade e pessoas com deficiência. Nas fotos em que aparece nua a deficiência da modelo está invisível, sua cadeira de rodas não aparece, ela não posa de pé, está sempre sentada ou deitada, e não há qualquer indício de sua paraplegia. Contudo nas fotos do dia a dia ela é representada fazendo coisas consideradas inacessíveis para pessoas com deficiência. Há uma clara divisão entre a sexualidade em que a deficiência está invisível e o cotidiano em que a deficiência é mostrada (SCHRIEMPF, 2001).

Para a modelo sua libertação reside em sua objetificação. O problema com a situação é que para a sociedade uma mulher com deficiência é assexuada. "(...) Stohl encontra-se numa posição em que deve não somente lutar para ser autora de sua própria sexualidade, mas deve, antes de mais nada, estabelecer sua sexualidade" (SCHRIEMPF, 2001, p. 57, tradução livre da autora).

Fine e Asch (1988, p. 21) contam a seguinte história: Uma pré-adolescente com espinha

bífida vai ao ginecologista e o questiona se poderá ter relações sexuais prazerosas com um homem, ao que o médico responde "Não se preocupe, sua vagina é estreita o suficiente para satisfazer qualquer homem". Schriempf (2001) retoma essa história para demonstrar que existem pressuposições que não podem ser inteiramente explicadas nem pela teoria feminista nem pelos estudos da deficiência. Para ela o problema não é que o médico seja sexista ou capacitista, mas que a pré-adolescente tenha que fazer essa pergunta, e questiona "Quantas feministas sem deficiência leitoras desse artigo, por causa de sua corporeidade, tiveram de perguntar a seus médicos se seriam capazes de ter relações sexuais prazerosas?" (SCHRIEMPF, 2001, p. 55, tradução da autora).

Em entrevista à CBS – LA (MAGERS, 2011) anos após o seu ensaio para a Playboy Ellen Stohl afirma que queria ser vista além de sua cadeira de rodas. Talvez pelo mesmo motivo Camille Rodrigues aponte para sua sensualidade, ela quer ser vista para além de sua amputação e prótese.

A paratleta também recebe o título de musa das Paralimpíadas, pelos meios analisados. As musas povoam o imaginário masculino, e usualmente designam figuras femininas inspiradoras e que se enquadram nos padrões de beleza. As musas também povoam o ambiente esportivo, como apelo midiático, principalmente em época de competições. Assim, esse título dado a uma atleta paralímpica, com deficiência visível, poderia, como acontece nos esportes para pessoas sem deficiência, ser relacionado à erotização do corpo esportivo feminino. Diversas matérias produzidas antes e durante os Jogos Paralímpicos de 2016 retravam Camille como uma das musas do evento, talvez pelos seus trabalhos como dançarina e modelo, ou pela forma com que a própria atleta se representava, e ainda se representa, em suas redes sociais. Carlos e Marques (2017) afirmam que a atleta juntamente com uma modelo com deficiência, apareceram com as musas do evento em um grande número de matérias veiculadas nos mais diversos meios de comunicação.

Ao analisar brevemente as fotografias publicadas pelos websites, percebemos que em todos os casos havia ou a imagem publicada pela Playboy ou pela própria atleta em suas redes sociais, principalmente Instagram. A Playboy por ser uma revista masculina funciona como perpetuadora, se não produtora, de discursos de gênero e sexualidade. Já o Instagram funciona como uma ferramenta que possibilita que a própria atleta tenha poder sobre sua representação.

FOTOGRAFIA 01

Fonte: *Deco Cury/Playboy*

FOTOGRAFIA 02

Fonte: *Arquivo pessoal da atleta*

Marshall (2010), afirma que a autoconstrução de uma imagem pessoal nas redes sociais é realizada de forma consciente de um público-alvo de atenção, sendo estruturada cuidadosamente na procura da produção do eu que possua uma melhor recepção (GEURIN-EAGLEMAN; BURCH, 2016). A autorrepresentação nas redes sociais é, também, uma forma de atrair a atenção do público e adquirir algum tipo de valor nessas redes e fora delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos a literatura sobre as mulheres no esporte percebemos que apesar do título de democrático e democratizador, o esporte, como prática social moderna, foi construído como masculino, gerando uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão também nesta prática. O mesmo parece acontecer com as atletas sem deficiência.

Essa história faz parte dos movimentos feministas desde meados do século XIX, propondo pautas de lutas sociais por igualdade em relação aos homens, questionando as noções, até aquele momento muito difundidas, de domesticidade e inferioridade femininas numa "(...) arena importante de disputas sobre quem controla e quem decide o que os corpos femininos podem ou devem fazer" (ALDELMAN, 2004, p. 33). Assim sendo, é de consenso que a trajetória da mulher na sociedade sempre foi marcada pela discriminação.

Retomando o objetivo de nosso estudo que foi analisar como a atleta Camille Rodrigues foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy, percebemos que o discurso realiza o papel de pontuar uma contradição normalmente rejeitada pela razão: o corpo com deficiência também pode ser erotizado. Portanto, antagoniza com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil.

Para que exista o "eu" é necessário que exista o "outro", e são aqueles nas posições de poder que podem delimitar os grupos cujas vidas importam. Os estudos críticos da deficiência têm se aproximado, ainda que timidamente, do conceito de abjeção, uma vez que os corpos deficientes também não estão enquadrados no padrão normativo da sociedade. Da mesma forma a deficiência é uma das intersecções menos explorada dos estudos feministas.

O estabelecimento de relações entre corpo abjeto e deficiência a partir de uma perspectiva pós-estruturalista ainda é um projeto em andamento, e esse artigo traz algumas considerações iniciais sobre esse debate.

REFERÊNCIAS

ALDELMAN. M. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In: Fórum de Debate Sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 3., 2004, São Paulo. *Anais*... São Paulo: USP, 2004. p.31-37.

AMARAL, L. A. *Pensar a diferença/deficiência. Brasília:* Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

ATLETA PARALÍMPICA faz ensaio sensual para a 'Playboy'. *O Hoje.* 29 Ago. 2016. Disponível em http://www.ohoje.com/noticia/cultura/n/122766/t/atleta-paralimpica-camille-rodrigues-faz-ensaio-sensual-para-a-playboy. Acesso em 20 Ago. 2020.

BARNES, C.; MERCER, G.; SHAKESPEARE, T. *Exploring Disability:* A sociological introduction. Cambridge: Polity Press, 1999.

BERRIEL, M. Fenômeno das piscinas e sucesso na internet, nadadora de Pádua disputará a Paralimpíada Rio-2016. *SF Notícias.* 05 Set. 2016. Disponível em: https://sfnoticias.com.br/fenomeno-das-piscinas-e-sucesso-na-internet-nadadora-de-padua-disputara-a-paralimpiada-rio-2016. Acesso em 20 Ago. 2020.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. *Razón y Palabra,* 69, 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>. Acesso em: 27 out. 2016.

BRITTAIN, I. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. *Journal of Sports & Social Issues,* v. 28, n. 4, 2004. p. 429-452.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo". Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019

CARLOS, N., M.; MARQUES, J. C. Um olhar sobre a representação das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance! In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017. *Anais*..., Curitiba, 2017.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of Disability: Cultural contexts and "sporting bodies. Quest, v. 49, n. 4, 1997. p. 416-430.

FIGUEIREDO, T. H. *Atleta Real x Atleta de Papel:* A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa. 2017. 221f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FINE, M.; ASCH, A. *Woman with disabilities:* Essays in psychology, culture, and politics. Philadelphia, Pa:

Temple University Press, 1988.

FONTES, M. Uma Leitura do Culto Contemporâneo ao Corpo. *Contemporânea,* v. 4, n. 1, p. 117-136, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I:* a vontade de saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARLAND-THOMSON, R. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: SMITH, B. G. e HUTCHINSON, B. (Eds.). *Gendering Disability*. New Jersey and London: Rutgers University Press, 2004. p.73-103.

GEURIN-EAGLEMAN.; BURCH, LAUREN. Communicating via photographs: A gendered analysis of Olympic athletes' visual self-presentation on Instagram. *Sport Management Review*, 133–145, 2016.

HALL, S. The spetacle of the "Other". In: HALL. S. (Ed.) *Representation:* cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/Open University, 1997. p.223-290.

HALLER, B. If They Limp, They Lead? News representations and the hierachy of disability images. In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.). *Handbook of Communication and People with Disabilities:* Research and application. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p. 289-305.

HARDIN, M; HARDIN, B. Elite Wheelchair Athletes Relate to Sport Media. In: GILBERT, K. G.; SCHANTZ, O. J. (Eds.). *The Paralympic Games* – Empowerment or side show? Maidenhead, England: Meyer & Meyer, 2008. p. 25-33.

HARGREAVES, J. A. The body, sport and power relations. *The Sociological Review,* v. 33, n. 1, maio 1958. p. 139-159.

HARGREAVES, J. A. *Heroines of Sport:* The politics of difference and identity. London: Routledge, 2000.

HOWE, D. *The Imperfect Body. Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games:* Book Chapters, v. 1, n. 4, 2012. p. 100-152.

HUGHES, B. Medicine and the Aesthetic Invalidation of Disabled People. *Disability & Society*, v. 15, n. 4, p. 555-568, 2000.

KAFER, A. *Mulheres Deficientes e a Comunidade de Devotees.* Palestra apresentada durante a Conferência de Estudos sobre a Deficiência. Tradução de Lia Crespo. Chicago, Jun. 2000.

LIPPMANN, W. *Public Opinion.* New York: Macmillan, 1922.

MAGERS, P. *Disabled Woman Looks Back At Posing Nude For Playboy,* Challenging Stigmas, 21 Jun. 2011. Disponível em: https://losangeles.cbslocal.com/2011/06/21/disabled-woman-looks-back-at-posing-nude-for-playboy-challenging-stigmas/ Acesso em: 16 Jun. 2021.

MARIANI, B. Nome Próprio e Constituição do Sujeito. *Letras,* v. 24, n. 48, 2014. p. 131-141.

MARSHALL, P. D. The promotion and presentation of the self: Celebrity as a marker of presentational

media. *Celebrity Studies,* 35–48, 2010.

MATTOS, A. B. *Mulheres deficientes e a abjeção dos corpos:* um estudo do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça. Dissertação (mestrado) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MELLO, A. G. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo*: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violência contra mulheres com deficiência. Dissertação (mestrado) – Centro de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MORAES, M. C. B. Sobre o Nome da Pessoa Humana. *Revista da EMERJ,* v. 3, n. 12, 2000. p. 48-74.

NELSON, J. A. Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In: NELSON, J. A. (Ed.). *The Disabled, the media, and the information age*. Westport, CN: Greenwood Press, 1994. P. 1-24.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, 10, 1º SEMESTRE 2002.

ROCHA, C. *Conheça Camille Rodrigues, a musa paralímpica*. Polêmica Paraíba. 25 Ago. 2016. Disponível em: https://www.polemicaparaiba.com.br/entretenimento/conheca-camille-rodrigues-musa-paralimpica/. Acesso em 20 Ago. 2020.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconscructed: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94, 2001.

SHAKESPEARE, T.; GILLESPIE-SELLS, K; DAVIES, D. *The Sexual Politics of Disability*. London: Cassel, 1996.

SCHELL, B. L. A.; RODRIGUEZ, S. Subverting Bodies/Ambivalent Representations: Media Analysis of Paralympian, Hope Lewellen. *Sociology of Sport Journal*, 18, 1, p. 127-135, março, 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quartely*, 16, 1999. p. 27-47.

SCHRIEMPF, A. (Re)fusing the Amputated Body: An interactionist bridge for f*eminism and disability*. *Hypatia*, v. 16, n. 4, p. 53-79, 2001.

SOUSA, J. P. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

TAUB, D. E.; FANFLIK, P. L.; MCLORG, P. A. Body Image among Women with Physical Disabilities Internalization of norms and reactions to nonconformity. *Sociological Focus*, 36, 2, p. 159-176, 2003.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, p. 166-181, 2003.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and its Athletes Through the Lens of the New York Times. *Sports,* 1, p. 13-36, 2013.

[1] Uma versão desse artigo foi publicada nos Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador (virtual), 2020.

[2] Ellen Stohl era uma modelo e atriz que ficou paraplégica após um acidente de carro.